

O ROMANCE DE FORMAÇÃO COMO PARÂMETRO: BILDUNG EM *ESAUÍ E JACÓ*

Pedro Armando de Almeida Magalhães (UERJ)

RESUMO: As referências a Goethe são explícitas em *Esauí e Jacó* de Machado de Assis, notadamente as que dizem respeito à obra monumental e magistral que constitui o *Fausto*, drama da existência humana. No entanto, seria interessante averiguar qual a pertinência de adotar como parâmetro uma outra obra do genial autor alemão, o romance *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*). De um lado, o livro, que se torna o modelo de romance de formação, aproxima-se de *Esauí e Jacó* por pertencer ao mesmo gênero narrativo híbrido, além de não descrever com linhas muito nítidas o contexto histórico. De outro, é inegável que a obsessão teatral que fundamentaria a concepção da “Bildung” (*formação*, em alemão) burguesa alemã encontra alguma sugestão de respaldo no plano dialógico que se constrói entre o narrador machadiano e seus leitores. O presente estudo visa portanto demonstrar a atualidade de *Wilhelm Meisters Lehrjahre* como parâmetro para se pensar as relações sociais e a formação do indivíduo em *Esauí e Jacó*, buscando-se partir da “Bildung” alemã para se pensar a questão da construção de cidadania no Brasil. É no plano dialógico entre o narrador e o leitor que se encontra algum ensejo de experiência de formação. No plano dos personagens, Pedro e Paulo ofereceriam um anti-exemplo, ou uma “anti-Bildung”, observada atentamente pelo conselheiro Aires. Em nossa análise, nós nos valem de ensaios críticos sobre romance de formação (MAZZARI, MAAS), bem como de estudos sobre cidadania (CARVALHO) e cordialidade (HOLANDA) no Brasil.

Palavras-chave: Romance de formação. Machado de Assis. Cidadania

Esauí e Jacó (1904) é um romance às vezes considerado enigmático, por apresentar inúmeras chaves de leitura e suscitar certa ambiguidade interpretativa. Tem como cenário o Rio de Janeiro do século XIX, então capital do país, no período das mudanças governamentais que culminam com a mudança de regime (da Monarquia para a República). Apresenta dois irmãos como protagonistas, muito embora ambos sejam bastante superficiais em seus posicionamentos ideológicos. A narrativa efetivamente segue a vida desses dois irmãos, Pedro e Paulo, que são, como Esauí e Jacó da Bíblia, antagonistas, inimigos. Por acompanharmos acontecimentos relacionados ao período de gestação dos dois no ventre da mãe, bem como infância, juventude e maturidade, de certa forma é a “formação” (“Bildung”, em alemão) dos dois que se desvenda para o leitor.

É curioso notar, além disso, a importante citação a *Fausto*, de Goethe, em capítulo que enfoca o drama de Flora (capítulo LXXXI), objeto de disputa amorosa dos dois, e que ama a ambos, igualmente, sem conseguir no entanto se decidir por nenhum dos dois.

Além disso, o romance tem uma esfera peculiar que se sobrepõe ao plano propriamente da trama dos acontecimentos: a esfera do diálogo do narrador com o leitor. No capítulo intitulado “Entre um ato e outro” (XLVI) a experiência teatral é sugerida pelo narrador a seus leitores como a grande metáfora da perspectiva de leitura.

Por fazer menção explícita a *Fausto* de Goethe, inclusive citando versos; bem como por equiparar a plateia do teatro aos leitores da narrativa envolvendo Pedro e Paulo, *Esau e Jacó* se prestaria a uma análise que utiliza como parâmetro o romance de formação *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*), outra obra do genial gigante Goethe.

Pontos de contato

De um lado, tanto *Os anos de aprendizado* quanto *Esau e Jacó* pertencem ao mesmo gênero narrativo híbrido. São romances no sentido amplo do termo. E, por serem romances, podem incluir poesia e teatro em suas tessituras. Nas duas obras, ademais, o contexto histórico não é descrito com linhas muito nítidas. Em ambos os casos há uma tendência em querer traçar tipos sociais da burguesia de época que se relacionam com membros da elite nobiliária e/ou governamental. Nas duas narrativas, há um nítido interesse em instruir o leitor através da experiência dos protagonistas.

A presença da História nos dois romances

Pode-se afirmar que nos dois romances os dados históricos podem ser obtidos eventualmente por intermédio de referências a seres verídicos relegados ao segundo plano ou por meio de citações a obras ou correntes de pensamento de época. E se é verdade que em *Wilhelm Meisters Lehrjahre* o entusiasmo pela “Bildung” através do teatro corresponde efetivamente a uma forte tendência cultural no final do século XVIII alemão, as poucas precisões histórico-geográficas reforçam a natureza exemplar e genérica da experiência do protagonista para o leitor. Diferentemente de *Esau e Jacó*, que faz menções precisas ao espaço urbano do Rio de Janeiro e segue de forma explícita a cronologia dos eventos da transição de regime governamental. Todavia, os fatos históricos, no romance brasileiro, carecem da profundidade necessária na vida dos personagens. Falta a devida correlação entre os eventos históricos e uma participação ativa nas mudanças governamentais. Ou um genuíno comprometimento com os problemas brasileiros. A problemática social não encontra verdadeiro eco na vida dos personagens, indivíduos em sua maioria abastados que não são afetados realmente pelas transformações políticas. Pode-se concluir portanto que as duas obras não se enquadram bem no modelo “romance histórico”, conforme a concepção de Georg Lukacs (2000).

Estruturação narrativa e “Bildung” em *Wilhelm Meisters Lehrjahre*

Parece paradoxal que Goethe tenha escolhido o gênero romance para tratar de uma questão – a “Bildung” (formação do indivíduo) – que, para a burguesia alemã ascendente da época, era o objetivo a ser alcançado através da arte dramática (o teatro). E realmente o teatro desempenha papel muito importante, pois, ao longo dos cinco primeiros livros (mais da metade da narrativa) o protagonista busca sua realização e desenvolvimento existencial no palco. Isto sem mencionar o fato de que há um predomínio evidente de diálogos e monólogos. Excetuando-se o livro VI, em praticamente todos os livros que compõem o romance as cenas (curtas ou longas) têm grande destaque.

Ao retratar os anseios da burguesia ascendente em território alemão valendo-se de tipo social representado por Wilhelm Meister, Goethe descreve fenômeno histórico ao mesmo tempo que dele se distancia pelo olhar crítico associado à escolha de gênero literário diferente do dramático (defendido pela elite burguesa de época), mas cuja complexidade, hibridismo e ecletismo intrínseco não obstarão, antes impulsionarão sua própria expansão ao final do século XVIII e ao longo do século XIX. Na verdade, o romance *Wilhelm Meisters Lehrjahre*, ao pretender se substituir à peça teatral como “veículo” da “Bildung” na Alemanha, acaba por sugerir novo entendimento com relação à formação do indivíduo, sobretudo por intermédio de seus últimos livros (VI, VII e VIII). O herói renuncia ao teatro em prol de um pragmatismo esclarecido, legitimado por sociedade humanista conduzida por uma nobreza pensante. Ao final, a grande transformação individual seria perceber que o teatro não dá conta do papel social. O herói goethiano desenvolve uma apreensão crítica da vida que o leva a almejar contribuir efetivamente em sociedade. Paralela e sintomaticamente, Goethe escolhe não o teatro, mas o romance para configurar os anseios de “Bildung” da burguesia ascendente.

O fato de o romance ser estruturado fundamentalmente por meio de grandes cenas ou sucessões de pequenas cenas, bem como de trazer grandes debates (entre os personagens) sobre a primazia de gêneros literários (como no livro V) só aumenta a complexidade e caráter “caleidoscópico” da obra.

Com relação ao livro VI (“Bekenntnisse einer schönen Seele”), nota-se claramente uma ruptura de foco narrativo, pois ao narrador onisciente privilegiando o percurso de Wilhelm Meister se substitui uma narradora anônima nobre (chamada de “bela alma”) que relata as diferentes etapas de sua existência, desde a infância à idade madura. A voz

narrativa dos livros I a V somente é retomada nos livros seguintes (VII e VIII). Entretanto, tal “ruptura” é somente parcial, pois há “pontes” ou “pontos” que ligam o livro VI ao restante da trama. Com efeito, já no livro V faz-se referência ao livro VI como um manuscrito lido por dois personagens. O livro VI aparece portanto no livro V como um objeto da esfera ficcional. O manuscrito autobiográfico mencionado e revelado a dois personagens no livro V é aberto em toda sua extensão ao leitor somente em livro à parte, imediatamente posterior. E também o livro VI exerce função antecipatória: “As confissões da bela alma” ajudam a compreender as origens da Sociedade da Torre, descrita nos dois últimos livros do romance, além de poderem ser consideradas (no sentido amplo) como a contrapartida nobre, feminina e espiritual da “Bildung”.

Quanto à história de Wilhelm pode-se dizer que o romance se escreve em dois estratos sobrepostos que se fundem: um estrato da história propriamente dita do protagonista que coloca em cena prioritariamente a “Bildung” deste ou, de forma secundária, a experiência de outros personagens (como é o caso da “schöne Seele”, ou, globalmente, os inúmeros juízos de valor emitidos pelos mais diversos personagens em diálogos ou por carta); e um estrato da esfera do narrador-leitor, que promove um olhar distanciado e crítico da mesma “Bildung”, promovendo, de certa forma, a “Bildung” de quem lê. O leitor identifica-se com o protagonista mas também dele se destaca nas instâncias subjacentes num processo contínuo de reflexão. O que é especialmente específico neste romance é o olhar dirigido ao “devir” do herói, à transformação do ponto de vista a partir da experiência.

“Bildung” em *Esau e Jacó*

Não podemos dizer que tal transformação do ponto de vista ocorre no romance de Machado, pois os presumidos heróis, os gêmeos Pedro e Paulo, permanecem praticamente os mesmos ao longo de toda a narrativa, mantendo a oposição de posicionamentos que os distinguem e correspondendo à visão estereotipada de carreira bem sucedida na sociedade burguesa brasileira. A experiência de vida não os transforma. A vida dos dois segue um curso inteiramente previsível em suas grandes linhas. Eles correspondem às profecias da cabocla do Morro do Castelo e se tornam “grandes”.

A “Bildung” dos dois é narrada de forma bastante sucinta no romance, assinalando-se as bandeiras às quais se afiliam. A formação dos dois não é especial. Os dois agem em conformidade aos anseios dos pais, escolhendo profissões respeitáveis:

Paulo se torna advogado; Pedro médico. Mais tarde iniciam carreira política tornando-se deputados, o que demonstra elevado grau de conformismo social. A metáfora utilizada para tratar da distinção ideológica construída pelos dois, apesar das grandes semelhanças reais, é a das gravatas, o que sugere tanto uma falta de consistência quanto a fragilidade da polarização.

As barbas não queriam vir, por mais que eles chamassem o buço com os dedos, mas as opiniões políticas e outras vinham e cresciam. Não eram propriamente opiniões, não tinham raízes grandes nem pequenas. Eram (mal comparando) gravatas de cor particular, que eles atavam ao pescoço, à espera que a cor cansasse e viesse outra. (ASSIS, 2012, p. 77)

Na verdade a vestimenta surge como uma alegoria do simulacro de posicionamento político profundo, ou como um elemento que daria uma identidade somente aparente. O conto “O Espelho”, também de Machado de Assis, já havia tratado do efeito causado por uma farda na psique de um indivíduo. A roupa transformaria o indivíduo, lhe dando o estofamento que realmente não possui.

Pedro e Paulo, apesar de toda a luta para se diferenciarem, não conseguem convencer a amada Flora. Esta parece ao ser obrigada a escolher um dos dois. Para ela eles seriam iguais, podendo se fundir e se tornar uma mesma pessoa.

Em que pesem as afiliações partidárias de cada um, Pedro e Paulo na verdade fazem parte de um mesmo grupo, uma elite que tem asseguradas as suas vantagens, o seu espaço privilegiado na pirâmide social. A pouca participação da população na mudança de regime governamental é sintoma da permanência de um sistema excludente, muitas vezes arbitrário, que beneficia alguns, praticamente os mesmos, em detrimento de muitos. As notícias da proclamação da República chegam através de boatos a uma população “bestializada” (LOBO, Aristides; citado por CARVALHO), pouco acostumada a fazer valer princípios básicos de cidadania:

A surpresa da proclamação entrou para a história na frase famosa de Aristides Lobo, segunda a qual o povo do Rio de Janeiro assistira bestializado, isto é, bestificado, atônito, aos acontecimentos, sem entender o que se passava, julgando tratar-se de parada militar. A participação popular foi menor do que na proclamação da independência. Não houve grande movimentação popular nem a favor da República, nem em defesa da Monarquia. Era como se o povo visse os acontecimentos como algo alheio a seus interesses. (CARVALHO, 2012, p. 80-81)

A estrutura estamental (FAORO, 2012) perdura.

O entusiasmo de Paulo ao descobrir a mudança de regime revela o seu distanciamento em relação aos problemas brasileiros profundos. Em sua comemoração da passagem à República, ele empresta à França a vestimenta revolucionária para criar um universo inexistente de engajamento do povo.

A polarização entre Pedro e Paulo na verdade não teria muitas diferenças em relação à polarização política que viceja atualmente no país. A cordialidade brasileira (HOLANDA, 2006), associada ao oportunismo individual, não dá conta do respeito ao bem público e parece enfraquecer os princípios básicos da cidadania. Aparências de polarização escondem o arrivismo contundente e a ideologia política de empréstimo.

Contrapondo-se à “Bildung” dos personagens Pedro e Paulo, o romance *Esaú e Jacó* parece sugerir um outro espaço, que é o plano do diálogo entre o narrador e seus leitores, bem distinto do da narrativa propriamente dita. O narrador do romance machadiano parece convidar o leitor a observar com os próprios olhos os acontecimentos narrados. O leitor seria assim um espectador guiado por um narrador. O leitor seria convidado a *se formar na experiência de leitura*.

Acresce a isso um outro elemento muito interessante: a ambiguidade do personagem Aires no romance. Aires tem caráter ambíguo, se confundindo muitas vezes com o narrador. Aires poderia inclusive desbancar os gêmeos no papel de protagonista. Se há real duplicidade, ela não se encontra através de Pedro e Paulo, mas no próprio Aires, narrador não inteiramente assumido, desdobrado em personagem na terceira pessoa do singular ou através de seus diários. Aires seria Esaú e Jacó numa mesma pessoa. Pedro e Paulo seriam miragens enganosas. “O melhor é ler com atenção” (ASSIS, 2012, p. 39).

A “Bildung” se efetivaria através de Aires narrador ambíguo, sendo dirigida a seus leitores, para desenvolvimento de um olhar crítico efetivo; não através dos gêmeos, que na realidade sugerem o engano das aparências vestimentais, representando o convencionalismo apático de uma “Bildung” elitista, ou uma “anti-Bildung”.

No país onde predominaria o binômio da Toga (símbolo da justiça burocrática e de privilégios) e da Farda (simbolizando a tendência ao autoritarismo, em especial o militar), opõe-se assim o desenvolvimento da capacidade crítica para o bem da construção da cidadania.

O teatro do capítulo XLVI (ASSIS, 2012), intitulado “Entre um ato e outro”, coloca o leitor como espectador privilegiado da narrativa, estimulado a desenvolver distanciamento crítico suficiente para apreender o que se encontra nas entrelinhas. Desse desafio proposto ao leitor dependeria a compreensão do alto grau de ironia contido no

romance. Contrapondo-se o percurso formativo dos gêmeos às chamadas de atenção do narrador ao leitor, percebe-se o anseio de estimular uma leitura mais perspicaz e crítica, que examinasse com profundidade os jogos de cena.

Ao contrário de Wilhelm Meister, Pedro e Paulo, a despeito do antagonismo político assumido que busca diferenciá-los, apresentam grande vacuidade e inconsistência subjetiva. Membros da elite burguesa brasileira do século XIX, testemunhas da transição de regime governamental, eles apontam para a ausência de projeto social que fundamenta a cidadania. Eles representam mais uma “anti-Bildung”, por estarem ligados a um convencionalismo superficial, a uma ausência de profundidade ideológica. A “Bildung” propriamente dita se daria no romance brasileiro através do narrador que instiga o leitor à leitura aprofundada, ao olhar perscrutador que percebe as artimanhas de poder por trás das estratégias de identificação e de diferenciação.

É no desenvolvimento do olhar crítico de um público leitor que os antagonismos políticos enganosos são afastados dando lugar a uma reflexão sobre as necessidades da construção da cidadania.

Wilhelm Meister passa pela experiência teatral para achar enfim o seu caminho. É toda uma “Bildung” que é compartilhada com o leitor. O leitor machadiano, por sua vez, ao adotar o olhar do espectador de peça teatral, pode vir a se formar como observador astuto da “Bildung” convencional e superficial (ou “anti-Bildung”, por falta de consistência reflexiva) de Pedro e Paulo.

Referências:

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

———. *Esau e Jacó*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

———. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTRO, Celso. *A proclamação da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FAORO, Raymundo. *A República inacabada*. São Paulo: Globo, 2007.

———. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 2012.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Dichtung und Wahrheit*. Herausgegeben von Klaus-Detlef Müller. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag im Taschenbuch (Band 15), 2007.

———. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2006.

———. *Wilhelm Meisters Lehrjahre*. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Edição Comemorativa 70 anos)

LESSING, Gotthold Ephraim. *Hamburgische Dramaturgie*. In: ————. *Lessing Werke und Briefe* (Band 6). Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1985.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

LUKACS, Georges. *La théorie du roman*. Trad. Jean Clairevoye. Paris: Denoël, 1968.

———. *Le roman historique*. Trad. Robert Saille. Paris: Payot, 2000.

MAAS, Wilma Patrícia. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: UNESP, 2000.

MAGALHÃES, Pedro Armando de Almeida. “Dress and female intelligence: intertextuality in *Esau and Jacob*”. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *The author as plagiarist – The case of Machado de Assis*. New Bedford: University of Massachusetts Dartmouth, 2006. p. 59-66.

———. *Repensar o romance histórico: leituras de Esaú e Jacó de Machado de Assis e L'œuvre au noir de Marguerite Yourcenar*. UERJ, Instituto de Letras, 2007. 258 fl. mimeo. Tese de Doutorado em Letras. (consulta facultada no site www.bdtd.uerj.br)

———. “Vozes da narração em Esaú e Jacó”. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *À roda de Machado de Assis: ficção, crônica e crítica*. Chapecó: Argos, 2006. p. 249-269.

MAZZARI, Marcus Vinicius. *Labirintos de aprendizagem*. São Paulo: Editora 34, 2010.

———. *Romance de formação em perspectiva histórica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SHARPE, Lesley (org.). *The Cambridge companion to Goethe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.